



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

GT (Estudos e Pesquisas em Espaço, Trabalho, Inovação e Sustentabilidade)

CANUDOS: UMA ANÁLISE MULTIFACETADA SOBRE O ARRAIAL E ANTÔNIO CONSELHEIRO

Dielson Jose Trigueiro Fontes da Costa¹

Marcos Vinícius da Silveira Freitas²

RESUMO

O artigo analisa os acontecimentos em torno do Arraial de Canudos, que foi de 1893 até 1897, destacando elementos políticos, sociais, econômicos e ambientais. Adicionalmente, é estudado a figura de Antônio Conselheiro e como foi sua liderança para o sucesso da resistência durante o período. O objetivo do texto é confrontar diferentes referenciais e buscar por inconsistências, indo desde documentos históricos até artigos já feitos sobre Canudos. São feitas diversas comparações entre as esferas apresentadas, incluindo a dicotomia da ideologia do Arraial, expostas na forma de Socialismo versus Monarquismo. Além deste tema, procura-se entender os aspectos econômicos da época, revisitando textos que trazem conflitos entre eles, analisando fatores como o fluxo de mercadorias pela região e o método de saques utilizados para dar sobrevida à resistência. Tudo isso, estando inserido em um ambiente completamente diferente daquela vivida pelos governantes do Brasil, tema abordado pelo texto de Euclides da Cunha, trazendo as dificuldades do sertão, contraposto à vida do litoral.

Palavras-Chave: Canudos, Socialismo, Economia, Antônio Conselheiro

1 INTRODUÇÃO

Por quando da instalação da república em 1889, surgiram revoltas impulsionadas pela combinação da perturbação política e problemas sociais que não poderiam ser resolvidos por uma mera transição de regime. Como aponta Delgado (2014), problemas decorrentes da transição da mão-de-obra forçada para a livre no período pós-abolição da escravatura passaram a ser retratados de diversas formas, mas nunca como uma questão política e social digna de mobilização como ocorreu no movimento abolicionista. Pelo contrário, a questão social no período pós Abolição foi tratada simplesmente como se fosse uma problemática “regional”, apequenando sua importância.

¹ Bacharelado em Ciências Econômicas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: dielson.costa.060@ufrn.edu.br

² Bacharelado em Ciências Econômicas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: marcos.freitas.134@ufrn.edu.br



27^o Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Nesse panorama, encontramos Antônio Conselheiro, uma figura controversa que agiu como pregador por anos nos sertões nordestinos, posteriormente assentando com vários de seus seguidores a área que viria a se tornar o Arraial de Belo Monte. Delgado (2014) sugere que a sociedade brasileira da época estava estruturada numa dicotomia entre a grande propriedade rural e a negligente assimilação dos homens ao mercado de trabalho em decorrência da Lei de Terras (1850) e da Lei Áurea – que se negligenciou de inserir os escravizados na economia e na sociedade.

Ao longo desse artigo, pretende-se investigar as estruturas socioeconômicas do Arraial de Belo Monte, revisando sua produção, prosperidade, relações com o ambiente e aspectos ideológicos. Os acontecimentos em Canudos são produtos de todos esses fatores, refletindo a realidade do povo sertanejo que construiu uma configuração alternativa para sua organização, uma opção para lidar com a concentração de terras que ainda é muito presente no Brasil.

Dessa forma, desvendar a experiência de Canudos é essencial para compreender não só a ligação da perturbação social que se abateu durante a Primeira República e a grande propriedade no sertão nordestino, mas entender a luta pela terra, entender como a concentração de terra e a pobreza podem ser combatidas através de alternativas orgânicas e as formas de oposição que as elites adotam para garantir a perpetuação da estrutura fundiária e dos seus interesses.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Calasans foi frequentemente referenciado dentre os autores escolhidos como referência por seu importante trabalho na análise de Canudos. Ofereceu uma base condensada dos aspectos mais essenciais da sociedade que ali se desenvolveu, de sua organização social a presença dos aspectos religiosos no cotidiano. Apesar de muito importante, o seu caráter condensado tornou necessário encontrar em outras fontes mais informações.

Hermann e Calasans convém na negação do caráter revolucionário de Canudos, uma das questões analisadas aqui, destacando-se em especial o trabalho de Hermann em expor o papel da religião e dos aspectos monarquistas e reacionários na luta pela terra que se constituiu em Canudos (1997). Além disso, toca em um ponto essencial:



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

O fato é que tanto a leitura monarquista, contemporânea à guerra, como a progressista conferiram sentidos que terminaram por justificar a necessidade do enfrentamento bélico e da eliminação dos ferozes subversivos liderados pelo Conselheiro. (HERMANN, 1997, p.18)

Às elites e ao Estado, era de grande interesse mobilizar a opinião pública contra Canudos lhe imprimindo rótulos ideológicos que justificassem o extermínio. Ventura (1990) e Vasconcellos (2021) expandem a análise desse ponto, destrinchando os espantalhos e seu contexto histórico – respectivamente, o antirrepublicanismo conselheirista e um suposto “comunismo”. Um dos pontos mais interessantes que se encontra acerca disso, é a associação que Vasconcellos (2021) revela entre os temores das elites acerca do comunismo com a reforma agrária e o fim da escravidão.

Na parte econômica, foi utilizado como referência principal o texto de Paulo Emílio Matos Martins, com sua obra intitulada “A organização social de Canudos: uma leitura institucional” que, apesar de destacar principalmente os elementos sociais, deixa uma parte do seu estudo para os aspectos econômicos e as relações de Canudos com o resto da região. Adicionalmente, se tratando da análise dos conflitos e suas repercussões nos recursos do Arraial, o texto de Angelina Nobre Rolim Garcez foi escolhido como referência, trazendo vários relatos documentais da época, evidenciando principalmente os aspectos dos conflitos entre o Estado e o Arraial, confrontando informações de diferentes relatos e chegando à conclusões de acordo com essas bases. Ainda na parte econômica, ao detalhar mais sobre os insumos que fizeram parte do fluxo de recursos de Canudos, temos o texto de Nogueira como referência, intitulado “Antonio Conselheiro e Canudos: revisão histórica”.

O texto de Nogueira oferece uma breve passagem sobre os aspectos mais específicos da vida econômica cotidiana do Arraial de Belo Monte, especificando os recursos de que dispunham os seus habitantes e como se deram as suas relações comerciais com os vizinhos.

Sobre meio ambiente, a referência principal escolhida foi a do texto de Euclides da Cunha, “Os Sertões”, para retratar a vida do sertanejo no interior da Bahia. No texto, fica evidente o paralelo feito entre uma escrita rebuscada, que parece ficção, mas evidencia a realidade da vida dos vaqueiros da época. Esse paralelo é evidenciado na checagem feita no artigo “O sertão como representação geográfica: uma análise da relação real e imaginada em



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

Os Sertões de Euclides da Cunha”, da autora Andréia Aliny de Lima Furtado, que confirma, através de documentos históricos, a veracidade do texto euclidiano.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa teve como base um apanhado histórico dos acontecimentos no Arraial de Canudos, sendo caracterizada como qualitativa, histórica e documental, explorando desde documentos locais e de época, até textos interpretativos feitos sobre o Arraial. As fontes de dados tanto primárias, representando documentos de época, de percepções locais sobre os eventos, quanto secundárias, explorando e comparando a percepção descritiva com a interpretação de outros autores sobre os acontecimentos.

Com essas referências, realizou-se uma análise crítica das narrativas oficiais, em busca de viés nos discursos, comparando arquivos históricos com interpretações posteriores. Adicionalmente, a abordagem terá um caráter interdisciplinar, haja vista que há o objetivo de explorar as diferentes esferas social, política, econômica e ambiental de Canudos.

Sobre os aspectos políticos, iremos analisar o discurso político da figura mais icônica do Arraial, Antônio Conselheiro, e suas críticas ao governo republicano, bem como as elites locais. Além disso, será retratado aqui forma de se organizar do Arraial, destacando suas diferenças com o regime governamental vigente. Complementar a isso, traremos a faceta econômica do vilarejo, evidenciando seu sistema de produção e distribuição dos recursos para subsistência e as relações de Canudos com o sistema tributário, um dos pontos focais do conflito entre a elite e o Arraial. Na parte ambiental, vamos verificar a adaptação do vilarejo em um ambiente de difícil sobrevivência, bem como foram utilizados os recursos naturais locais para tal sobrevivência.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 O ESTABELECIMENTO DO ARRAIAL DE BELO MONTE

Canudos já existia antes da chegada de Antônio Conselheiro e seus seguidores em 1893, mas era um pequeno assentamento que por volta de 1890 contava com apenas 250 pessoas. Estava localizado às margens do rio Vaza-Barris, num ponto de trânsito entre diversas rotas sertanejas e cercado pelas fazendas Cocorobó, Canabrava, Barra e Rosário e



27^o Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

pelas ruínas da fazenda Canudos, que foi estabelecida sob a Casa da Torre por sesmaria. (CALASANS, 2002)

De um pequeno povoamento com uma modesta capela e umas 50 casas, Conselheiro e seus seguidores transformaram Canudos no Arraial de Belo Monte. Construíram duas novas Igrejas – uma delas ainda estava em construção durante o conflito – e, desordenadamente, novas casas para abrigar os sertanejos, chegando a tal magnitude que parece ter deixado forte impressão em Euclides da Cunha se analisarmos o trecho citado por Calasans (1973, *apud* Cunha, 1939, p. 86).:

Do alto da trincheira ‘Sete de Setembro’, erguida num contraforte avançado do morro da Favela, quem observa tem a impressão inesperada de achar-se antes uma cidade extensa, dividida em cinco bairros distintos e grandes, revestindo inteiramente o dorso das colinas (EUCLIDES DA CUNHA, 1939 *apud* CALASANS, 1973, p. 86)

Apesar de ser impossível quantificar a população de Canudos precisamente, existem estimativas – feitas a partir dos escritos de Euclides da Cunha – de que o assentamento passou por um crescimento explosivo. Teria saído de 1.250 sertanejos em 1893 para cerca de 25.000 sertanejos em 1897 (HERMANN, 1997). Se estiver correta, a estimativa colocaria Canudos como uma das maiores cidades na Bahia no período.

A população do Arraial de Belo Monte possuía uma composição diversa, constituída por pessoas de diferentes origens étnicas e econômicas, muitas vezes migrando de cidades por onde Antônio Conselheiro havia visitado durante seus 20 anos de peregrinação. É importante notar também a participação dos indígenas de aldeamento e ex-escravos em Canudos.

4.2 ESTRUTURA PRODUTIVA DO ARRAIAL

Quando falamos de estrutura produtiva em Canudos, também olhamos sob a ótica dicotômica retratada nas outras esferas aqui estudadas. Temos, de um lado, um forte traço de trabalho coletivista, oriundos das principais matrizes étnicas da formação do povo brasileiro, sendo elas, o colonizador lusitano, o aborígine sul-americano e os povos africanos, como aponta Martins. De outro lado, temos o modelo de produção escravista latifundiário, que nos é herdado de acordo a política e estrutura econômica do modelo colonial português, sendo representado na figura do “coronel”. Essa dicotomia reflete diretamente o pensamento de



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

como seria formado o processo de produção do Arraial, que queria de todas as formas romper com o modelo falido republicano e todas as suas estruturas adjacentes vigentes. Sendo assim, ao se tratar de uma organização muito pautada na religiosidade cristã, esta iria influenciar diretamente o que seria produzido e como seria produzido os itens dos moradores de Bello Monte, uma estrutura de subsistência, com características coletivistas e mutualistas, baseadas na filosofia de “Fraternidade Universal” (MARTINS, 2010), pregada pelo cristianismo.

De acordo com Moniz (1987), Antônio Conselheiro teria buscado o modelo de Thomas More, retratado na obra *Utopia*, para basear o seu projeto social que seria Canudos. Esse modelo de trabalho pode ser observado em diversas outras localidades dos sertões brasileiros, como no Ceará, na forma do adjutório cearense, nas arrelias da Paraíba, nas faxinas do Rio Grande do Norte ou nas juntas pernambucanas, tratando-se de um grande mutirão, organizado e gerido por Antônio Conselheiro (MARTINS, 2010).

Com sua localização privilegiada, Canudos se constituiu como um ponto de descanso para viajantes, contando também com atividades de pecuária bovina e caprina, o que estimulou também a atividade de ferreiros na região para dar conta da demanda por ferramentas usadas na criação de animais. Houve também plantio de cana, entretanto focada para a produção de rapadura para consumo próprio. Mas destas atividades, a que se destacou foi a venda de couro de bode, realizada para assentamentos próximos.

Os moradores de Canudos, por causa da dificuldade de vivência no sertão, eram limitados no que produzir naquela região. Nesse cenário, com o crescimento do Arraial, a produção local passou a ser insuficiente para todos da comunidade. Aqui, as informações passam a ser inconsistentes. Existem documentos que afirmam que Antônio Conselheiro, mesmo testemunhando a dificuldade do vilarejo com a insuficiência de recursos, recusava todo e qualquer recurso, financeiro ou produtivo, advindo da República, em sua luta com o regime: “O facínora do Antonio Abade era quem recolhia os dinheiros da República para o Conselheiro ter o satânico prazer de queimá-los” (Galvão, 1974, p.348). Já em outros documentos, é afirmado que o líder de Canudos aceitava os recursos, sem olhar para o lado político em momentos de dificuldade: “[...] recebia contribuições de comerciantes e cobrava quotas pela venda de negociáveis” (Araripe 1960, 15). Isso nos leva a crer que, caso as duas citações trouxessem situações que aconteceram de fato, existia uma certa seletividade na hora



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

de aceitar ajudas comunitárias. Seriam os comerciantes “aceitos” independentes do governo, ou até mesmo simpatizantes da revolução apoiada por Conselheiro?

Com o aumento do contingente do vilarejo, há registros que apontam que comerciantes foram motivados a ir em direção à Canudos, com o intuito de venderem suas mercadorias (Dantas, 1923, p. 159). As inconsistências continuam, como aponta Garcez, de que os residentes de Canudos viviam de roubo de esmolas e pequenos saques. O texto euclidiano traz diferentes versões sobre o assunto, ora afirmando que era uma honra que o povo de Canudos não tinha nenhum tipo de envolvimento com crimes desta natureza, sendo estes atos “rigorosamente proibidos e em obediência a esse preceito iam ao extremo (na fase da campanha) de não tocarem em absoluto nas cargas dos comboios inimigos” (Facó, 1972, 98), ora acusando o povo de saquear vilarejos e fazendas nas proximidades. De qualquer forma, Garcez aponta que é improvável que estes supostos saques fossem a principal fonte de subsistência do Arraial.

Vamos, agora, revisitar a questão dos abastecimentos ao Arraial, bem como a circulação de uma unidade monetária dentro de Canudos. Apesar dos relatos mencionados de subsistência, quando olhamos pela ótica da resistência às forças republicanas, fica evidente a necessidade de certo fluxo de abastecimento para o sucesso da campanha de defesa de Canudos. Episódios como a expedição Moreira Cesar são citados para evidenciar o caráter surpreendente e milagroso da resistência de Canudos às investidas republicanas. Existia um protocolo de utilizar os armamentos e recursos dos inimigos abatidos para as próximas ondas de ataques, fazendo com que a resistência sempre estivesse bem abastecida (GARCEZ, 1997).

A última expedição, Artur Oscar, aconteceu em um momento em que o Arraial já estava com um grande contingente populacional, cerca de 30 mil pessoas. População essa que se concentrava em um ambiente hostil, sem muitos recursos naturais para a sobrevivência e exigindo uma grande quantidade de abastecimento externo para suprir essa população. Essa situação prejudicou as campanhas contra Canudos, com relatos de que a fome era constante entre as tropas que se instalavam nas redondezas para o ataque. Nesse contexto, Garcez aponta que não resta dúvidas que o Arraial era abastecido regularmente, não só de insumos alimentícios, como de armamentos e munições para conter essas campanhas. “Canudos, em



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

nenhum momento desse final de campanha, retraiu-se na defesa ou demonstrou precisar poupar munições.” (GARCEZ, 1997, p.25).

4.2.1 OS RECURSOS DO ARRAIAL DE BELO MONTE

A cabra foi um animal que esteve presente desde o princípio: Nogueira (1978) aponta que foi o único recurso que os primeiros habitantes de Canudos ali encontraram, dado o estado de desamparo. Uma das primeiras atividades que realizaram foi cercar e reunir as cabras. Além das terras, de aparência sáfara pelo descuido, mas boas para pastagem de gado, e abundância de água pelos 6 meses de cheia do rio Vaza-Barris, outros recursos seriam sal da terra, salitre e enxofre. A produção agrícola do Arraial contava com plantações de diversos legumes, milho, feijão, grogotuba, favas, batatas, melancias, jerimuns, melões e canas e, nos vales mais úmidos, mandioca. (NOGUEIRA, 1978).

A criação de gado bovino nunca adquiriu expressividade no Belo Monte, sendo sempre limitada a poucas cabeças de gado. Nunca se conseguiu trazer cabeças de gado suficientes para o assentamento, sendo objeto de carta escrita pelo Conselheiro, que pede à Felisberto de Moraes que envie uma rês (NOGUEIRA, 1978). Em termos de recursos humanos, Canudos contou com uma escola, ferreiros que manufacturavam itens como facas, foices, chuços, machados. Não pode se deixar de incluir o papel das mulheres, que trabalham arduamente, especialmente na manufatura de tecidos para roupas, redes etc. (NOGUEIRA, 1978).

Nogueira (1978), citando César Zama, coloca que a principal fonte de renda de Belo Monte seria a exportação de peles de bode e carneiro, animais que povoavam a paisagem do sertão a tal magnitude que seriam como pragas. Citando Antonil, revela que na região do Vaza-Barris “a carne e o leite hé (sic) ordinário alimento de todos”. Dessa forma, a maior parte da população estaria empenhada na indústria da pele de cabra, seja no campo ou nos currais, no abate de animais, na extração do couro, na sua secagem, além de também nos curtumes. O couro seria destinado a Juazeiro, capital do comércio regional e onde poderia embarcar para o porto de Salvador. De lá, também, sairia a madeira utilizada para a construção da segunda igreja de Canudos (NOGUEIRA, 1978).



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

4.3 A FOICE, O MARTELO E A COROA: UM REDUTO REVOLUCIONÁRIO OU REACIONÁRIO?

Canudos é envolto por um véu de controvérsias. Autores discutem até hoje acerca da experiência, tocando nos aspectos sociais, agrários e políticos, gerando teorias diversas acerca da natureza do arraial. Os principais debates são acerca do caráter reacionário em contraposição a um caráter revolucionário. De forma interessante, no entanto, ambas as leituras do Arraial de Belo Monte serviriam como justificativa para a repressão militar e perseguição dos remanescentes, como aponta Hermann (1997).

A visão euclidiana enxerga, a princípio, em Canudos um reduto reacionário, religioso e antirrepublicano. Focou mais nos aspectos políticos e religiosos que rondavam Canudos, chegando a classificar o acontecimento como “a Nossa Vendéia” em sua correspondência ao Estado de São Paulo (VENTURA, 1990). A ameaça constituída era, portanto, à estabilidade da república através do fanatismo religioso e monarquismo.

Euclides tecia nos seus primeiros artigos críticas de teor racista atribuindo o antirrepublicanismo a aspectos culturais e religiosos do “incivilizado” sertanejo, chegando a limitar a sua capacidade de organização política às formas “bárbaras” de uma sociedade tribalista liderada por “chefe sacerdotal ou guerreiro” (VENTURA, 1990).

Posteriormente há um recuo no teor dessas críticas com a publicação de Os Sertões. Apesar de ainda definir Canudos como uma Vendéia brasileira, de acordo com Ventura (1990) a comparação entre os dois passa a se dar através dos elementos comuns aos dois eventos: o confronto a um exército de grande porte e o misticismo presente nos participantes. Ademais, Euclides rompe com a defesa da Revolução Francesa, criticando o fortalecimento da burguesia no seu desenrolar e passa a aderir à princípios socialistas marxistas.

Antônio Conselheiro foi um pregador messiânico, que propunha sua própria versão do monarquismo e uma sociedade profundamente arraigada no catolicismo popular. Alguns autores entendem que a organização econômica de Canudos se assemelhava às primeiras comunidades cristãs, com os aspectos coletivistas destas, mas os seus aspectos politicamente reacionários são inegáveis, em especial no que diz respeito a oposição clara que o pregador fazia à ideia de república.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

“A república quer acabar com a religião, esta obra-prima de Deus que há dezenove séculos existe e há de permanecer até o fim do mundo; porque Deus protege a sua obra” (Conselheiro *apud* VENTURA, 1990, p. 140)”. Seria incorreto atribuir, de fato, características politicamente revolucionárias à organização de Canudos, todavia, como veremos adiante, há toda uma construção por trás dessa acusação no imaginário coletivo das elites.

Vasconcellos (2021) faz uma contextualização do histórico de escandalização anticomunista no Brasil: desde os tempos do Império, figuras da elite dedicaram-se a fabricar acusações infundadas sobre a natureza de projetos que progrediam a causa abolicionista, e naturalmente o movimento persistiu após a Proclamação da República. Ocorreu até mesmo de um deputado geral baiano acusar comunismo em Benjamin Constant por ter defendido o direito dos cegos à educação.

Nos últimos anos do século XIX, foi a vez de Canudos de receber tal tratamento. Após repelir com sucesso a terceira onda de ataques contra o Arraial, logo apareceu um homem que, em entrevista ao jornal “O País”, acusou pela primeira vez os seguidores de Conselheiro: “sertanejos fanáticos pelos interesses, que para ali se dirigiam acreditando na ideia do comunismo, tão apregoada pelo Conselheiro” (VASCONCELLOS, 2021, p. 114).

Das figuras que atacaram o Arraial de Belo Monte, Cícero Dantas Martins, o barão de Jeremoabo, é daquelas que claramente tinham interesses secundários ao fazer oposição ferrenha. Acreditou que as expedições policiais enviadas pelo governo do Estado foram incapazes de lidar com o problema por simpatias inconfessadas do governador e para desestabilizar a região que era de sua esfera de influência política.

Vasconcellos (2021) esclarece que a principal fonte de preocupação de Martins em seu artigo no “Jornal de Notícias” reside na forma em que os seus interesses estavam sendo minados. O Arraial atraía migrantes em tamanha magnitude que lugarejos dentro da região de influência do barão se tornavam desabitados, resultando numa intensificação da escassez de mão-de-obra para proprietários da região e atrapalhando no funcionamento e regularidade dos seus empreendimentos.

A qualificação do Conselheiro e seus seguidores como comunistas é a concretização de temores que se estabeleceram entre as elites desde a Abolição. Os elementos que a fizeram oposição enxergaram na luta abolicionista uma violação dos seus direitos de propriedade e um



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

movimento precursor para a instalação da “democratização rural”, uma espécie de reforma agrária, ou seja, a diluição do latifúndio em propriedades menores. E de fato, o acesso a propriedade em Canudos constituiu-se de uma forma diferente ao tradicional modelo latifundiário brasileiro.

O Médico Raimundo Nina Rodrigues é outra figura que tratou de difamar o Arraial de Belo Monte, imputando uma “loucura epidêmica” (VASCONCELLOS, 2021, p.119) aos que ali residiam e, em especial, à figura de Antônio Conselheiro.

Pregando contra o luxo, contra os maçons, fazendo queimar nas estradas todos os objetos que não pudessem convir a uma vida rigorosamente ascética, Antônio Conselheiro anormaliza extraordinariamente a vida pacífica das populações agrícola e criadora da província, distraíndo-as das suas preocupações habituais para uma vida errante e de comunismo em que os mais abastados cediam dos seus recursos em favor dos menos protegidos da fortuna (RODRIGUES, 2006, *apud* VASCONCELLOS, 2021, p.121).

O que percebemos em comum nestes depoimentos é que eles se abstêm de realizar um exame mesmo que superficial das razões para que tantos sertanejos optassem por vender suas possessões para emigrarem à Canudos, preferindo apontar toda sorte de motivo como loucura, banditismo ou o espantinho do comunismo. A preocupação com a manutenção da ordem vigente aparece como prioridade máxima das elites, ou seja, do sistema republicano do lado político, da organização latifundiária da propriedade rural e a submissão da mão-de-obra a essa conjuntura.

Martins (2007) aponta que a tradição do mutualismo foi herdada dos lusitanos, aborígenes e africanos pelo sertanejo, fator que, combinando-se ao aspecto religioso, gerou em Canudos uma organização econômica baseada no cooperativismo. Modelo tal que paralelamente foi endossado pelos socialistas românticos, que buscavam uma sociedade solidária e autogestionária. No entanto, não se deve cometer o erro de confundir o Arraial como uma utopia socialista por tal semelhança.

A resenha de Sartório (2015) sobre o artigo O Socialismo Jurídico de Engels e Kautsky possui um tópico que discorre brevemente sobre fatores que diferenciam a sustentação do mundo feudal em contraposição ao mundo capitalista.

A obra contém apontamentos sobre o processo de transição da sociedade feudal para a capitalista, no qual ocorreram muitas mudanças significativas,



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

mas dentre elas uma intervenção determinante no que diz respeito às bases que norteiam o modo de pensar e agir dos homens: a concepção essencialmente religiosa de mundo foi substituída pelo direito em todas as esferas da atividade e das relações humanas. (SARTÓRIO, 2015).

Contraponha-se essa leitura com as fontes aqui discutidas, em Calasans (2002) e, especialmente, Hermann (1997) em que ambos os autores providenciam exaustiva evidência da centralidade do catolicismo popular na vida religiosa no Arraial. A mentalidade que permeava essa sociedade claramente não poderia ser a mesma da sociedade feudal, entretanto, estaria muito mais próximo dela que de uma sociedade tipicamente capitalista – estágio que precede o socialismo.

Vejamos que das prédicas atribuídas a Antônio Conselheiro, nenhuma parece ter como tema central a organização econômica, sendo evidente que o seu foco estaria em desenvolver a fé, e como aponta Hermann (1997), pregava uma ética de sofrimento resignado às leis supremas, de submissão aos dogmas católicos. A sua defesa do sistema monárquico e do direito divino real não podem ser negligenciados, e deve-se compreender a luta pela terra dentro deste contexto (HERMANN, 1997).

Ao todo são 49 prédicas, reunidas em quatro grupos de discursos: 29 sobre as dores de Maria; 10 sobre os dez mandamentos; um texto que reúne diversas passagens dos evangelhos e nove sobre assuntos diversos e circunstanciais (sobre a cruz; a missa; as maravilhas de Jesus; a construção e edificação do templo de Salomão; sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, padroeiro de Belo Monte; uma sobre a parábola do semeador e finalmente uma sobre a república) (HERMANN, 1997).

Por fim, para reforçar que Canudos não era algum tipo de utopia socialista, em Calasans (2002) encontra-se evidência de hierarquias dentro de Canudos, sendo João Abade talvez o mais significativo expoente delas, devendo obediência tão somente a Antônio Conselheiro – que aliás, era a fonte da palavra final dentro do assentamento, demonstrando sua liderança política. João Abade possuía autoridade para ordenações de segurança e punição, chefiando a guarda católica, e, ao lado de Antônio Vila Nova, proprietário da loja mais acreditada do local, a dupla mantinha o poder decisório – subordinado ao Conselheiro.

Ademais, em Canudos o direito de propriedade era assegurado: houve registro da construção de propriedades com o que parece propósito específico de venda, “i venha para



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

comprar as 3 casas minhas que estou a sua Espera para sermos vizinhos” (CALASANS, 2002), além de uma grande quantidade de papéis de escrituras de compra e venda de casas e terras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de Dias e Neiva (1999), pode-se condensar a seguinte questão: Como é possível que o Arraial de Belo Monte, tão miserável como o descreve o Frei Evangelista e Euclides da Cunha, ser capaz de sustentar uma população que chegou a 25 mil pessoas, pelas estimativas, inserido em um ambiente hostil, e sustentar um cerco de quase um ano?

Apesar da dificuldade no trabalho investigativo para encontrar nas fontes descrições e dados sobre os aspectos econômicos do Arraial de Belo Monte, com o que foi depurado podemos apontar que ali, de fato, se expandiu a atividade econômica a nível notório e que se integrou no comércio aos seus vizinhos. Apesar dos óbitos relatados no assentamento por moléstias de várias sortes, fome inclusa, a expansão populacional e o sucesso da sua resistência contínua contra várias investidas das autoridades governamentais não permitem negar a sua competência como um assentamento autônomo e economicamente viável.

No que diz respeito às discussões acerca do caráter revolucionário ou reacionário de Canudos, pela análise das fontes é inviável enxergar os habitantes do arraial como revolucionários. O evento deve ser compreendido dentro do seu contexto histórico, econômico e religioso. Encontramos a defesa de princípios fundamentalmente reacionários, místicos e a adoção de uma mentalidade centrada na religião. Só a forma de organização da produção não é suficiente para lhe enxergar como revolucionária, assim como a centralidade na religião não é suficiente para lhe chamar de feudal.

Nesse sentido, uma análise mais profunda de possíveis paralelos entre Canudos e as formas de organização social pré-capitalistas como o feudalismo e o fenômeno das repúblicas camponesas, ou até o coletivismo das primeiras comunidades cristãs são possíveis. Além desses pontos, ainda há abertura para discussão acerca de aspectos comuns entre os modelos teorizados pelos socialistas românticos e a experiência do Arraial.

As diferentes correntes de pensamento oferecem chaves para entender pontos diferentes da relação que o Arraial, seus habitantes e o seu líder desenvolveram com o mundo



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

exterior e entre si. Em especial, deve-se pontuar como as interpretações de uma Canudos revolucionária permitiram compreender melhor as relações de poder e o interesse das elites em destruir a alternativa que se construiu no Belo Monte devido ao risco que oferecia à perpetuação da produção nas suas propriedades. Em suma, através das fontes analisadas, foi possível compreender e condensar os aspectos da organização econômica e social que se estabeleceram em Canudos e a sua constituição ideológica.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, Tristão de Alencar. Expedições Militares contra Canudos (Aspecto Parcial). **Imp. Do Exército**. Rio de Janeiro. 1960.

AZEVEDO, Aroldo de. “Os sertões” e a geografia. **Boletim Paulista De Geografia**, (5), 23 – 44, 1950 [2017].

CALASANS, José. Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 54, p. 72–81, 2002. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i54p72-81.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

DANTAS, S. de Souza. Aspectos e Contrastes – ligeiro estudo sobre o estado da Bahia. Typ **Revista** dos Tribunais. Rio de Janeiro. 1923.

DELGADO, Guilherme Costa. O setor de subsistência na economia e na sociedade brasileira: gênese histórica, reprodução e configuração contemporânea. Brasília: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada** (Ipea), 2004.

DIAS, Clímaco César Siqueira; NEIVA, Luiz Paulo Almeida. Canudos – um passado que assombra o presente. Canudos – **Revista** de Estudos sobre o Sertão, Salvador, v. 3, n. 1, p. 61–66, 1 jun. 1999.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e Fanáticos. **Ed. Civ. Brasileira SA**. Rio de Janeiro. 1972.

FURTADO, Andréia Aliny de Lima. O sertão como representação geográfica: uma análise da relação real e imaginada em Os Sertões de Euclides da Cunha. 2022. 60 f. **Monografia** (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O calor da Hora. **A Guerra de Canudos nos Jornais**. Ed. Ática S/A. São Paulo. 1974.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim. **Aspectos Econômicos do Episódio de Canudos**.



27º Seminário de Pesquisa do CCSA

Governança global e os desafios transnacionais na democracia

22 a 26 de setembro de 2025

HERMANN, Jacqueline. Canudos: a terra dos homens de Deus. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 16–34, 31 out. 1997.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. Canudos: organização, poder e o processo de institucionalização de um modelo de governança comunitária. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 1–16, dez. 2007.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. A organização social de Canudos: uma leitura institucional. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 691-709, dez. 2010.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: a guerra social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1987.

NOGUEIRA, Ataliba. Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica. 2. ed. São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1978. 212 p. (Brasiliana; v. 355).

OLIVEIRA, Ronaldo Bitencourt de *et al.* Antônio Conselheiro and the Arraial De Canudos: A socio-anthropological analysis. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**, p. 384-389, ago. 2021. DOI: <https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.88.42>.

SARTÓRIO, Lúcia Aparecida Valadares. O socialismo jurídico: a atualidade de uma obra voltada para o futuro [resenha]. **Revista Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas**, Rio das Ostras, n. 19, p. 174–177, 2015.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. Antônio Conselheiro, comunista. Lampião - **Revista de Filosofia**, Maceió, v. 2, n. 1, p. 108–127, jan./jun. 2021.

VENTURA, Roberto. “A nossa Vendéia”: Canudos, o mito da Revolução Francesa e a formação de identidade cultural no Brasil (1897–1902). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 31, p. 129–145, 1990.